



CONSUMO DO ÁLCOOL NA COMUNIDADE ACADÊMICA FEMININA: CONSEQUÊNCIAS E CONSCIENTIZAÇÃO

Thais Lins de Freitas¹, Luiza Fernandes Cardozo¹, Yara Cristina Romano² e Sandra Cristina Catelan-Mainardes²

RESUMO

Embora o índice do alcoolismo entre as mulheres ainda seja significativamente menor que no gênero masculino, este problema deve ser tratado com a mesma ou até mais importância, uma vez que o organismo feminino é menos tolerante ao álcool, como apresenta Laranjeira e Malachias (2008). Foi estabelecido então o objetivo de avaliar as consequências do consumo excessivo do álcool para a saúde das mulheres, apontando os fatores de risco. Para isso, foi realizado um estudo bibliográfico e de levantamento em uma Instituição de Ensino Superior de Maringá, no período de 2014 a 2015. A amostra contou com 150 estudantes da área da saúde - cursos de enfermagem, farmácia, nutrição e psicologia – e utilizou como recurso questionário semi-estruturado. Resultados foram tabulados e gráficos formulados, a fim de demonstrar a relação entre as variáveis coletadas na pesquisa: Cerca de 60% (n= 88) dos entrevistados consomem regularmente álcool, e 48,6% destes consideram suas consequências equivalentes para ambos os sexos. Sendo assim, faz – se necessário a criação de estratégias específicas sobre o alcoolismo feminino e adoção de atitudes que promovam soluções para este problema.

PALAVRAS-CHAVE: Alcoolismo feminino; Alterações biológicas; Universitárias.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a ingestão excessiva de álcool é considerada um dos principais problemas de saúde pública (OMS, 2008). Seu uso está associado aos acidentes de trânsito e de trabalho, aos casos de violência, e muitos outros problemas sociais. Apesar do índice de alcoolismo ser maior entre os homens, nos últimos anos constatou-se a expansão do desenvolvimento da conduta alcoólatra entre a categoria feminina; fato preocupante, uma vez que, segundo Andrade e Oliveira (2009), as consequências sociais e biológicas para a mesma é exorbitantemente mais nefasta do que para o gênero oposto. Para a mesma ingestão de álcool, entre os sexos, o organismo feminino é metabolicamente menos tolerante a bebida. Somado a isso, os fatores culturais e sociais reprimem o consumo de etanol entre as mulheres, submetendo-as ao estereótipo “imoral” e distanciando-a da procura de tratamentos o que propicia o desenvolvimento de outras diversas patologias.

O alcoolismo se encontra entre os dez problemas de saúde pública mundial, sendo a quarta doença mais incapacitante (OMS, 2002). De acordo com Oliveira (2010), contemporaneamente, o álcool apresenta ampla aceitação social por possuir caráter lícito, de baixo custo e maior acessibilidade em relação às demais drogas, tornando-se, a substância psicoativa mais consumida do mundo. A divulgação midiática constante além de incentivar, camufla as consequências do uso progressivo do álcool, dificultando o reconhecimento de seu hábito como patologia. O fenômeno se agrava quando se remete as condições biológicas femininas, isso porque, conforme Sequeto e Santos (2014), a mulher apresenta maior índice de gordura corporal, peso inferior, menor quantidade de água disponível, além da baixa quantidade de enzimas metabolizantes de substâncias tóxicas, potencializando sua vulnerabilidade a patologias relacionadas ao uso excessivo de etanol.

Dessa forma, essa pesquisa teve por finalidade coletar dados concretos sobre a incidência do consumo de álcool no ambiente universitário feminino. Para tanto, as respostas coletadas referentes ao grupo amostral foram tabuladas estatisticamente com o objetivo de configurar-se em informações

¹ Acadêmicas do Curso de Psicologia do Centro Universitário Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – Paraná. Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UniCesumar (PROBIC). tha_izinha_96@hotmail.com ;luizafernandes44@gmail.com

² Orientadoras e docentes do Curso de Psicologia do Centro Universitário Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – Paraná. yara.silva@unicesumar.edu.br; sandra.mainardes@unicesumar.edu.br; .



comparativas precisas. Foi possível, assim, fornecer bases teóricas satisfatórias para a elucidação, sobretudo, das acadêmicas, quanto às consequências biológicas nefastas decorrentes do consumo excessivo de etanol na comunidade feminina, e atingir, por conseguinte, a plena conscientização quanto à exposição patológica que a instalação de um hábito alcoólatra as submete.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de levantamento que retratou o tema “alcooolismo na classe acadêmica feminina” de forma quantitativa e qualitativa. A cidade sede da pesquisa foi Maringá, que possui população estimada de 390 mil habitantes e representa um dos principais polos urbanos do estado do Paraná. Em uma Instituição de Ensino Superior, no período de 2014 a 2015, foi selecionado um grupo amostral que contou com 150 estudantes do sexo feminino, graduadas nos cursos da área da saúde. Assim, foram entregues 40 questionários para os cursos de Enfermagem, Nutrição e Psicologia e 30 questionários para o curso de Farmácia.

Para a distribuição dos questionários foram selecionadas as turmas do 3º e 2º ano dos cursos supracitados do período noturno da universidade. O critério de exclusão foi acadêmico com idade abaixo de 18 anos. Todos os dados recolhidos foram estatisticamente tabulados e representados de maneira gráfica, apontando as relações de interferência entre uma variável e outra a partir das respostas coletadas.

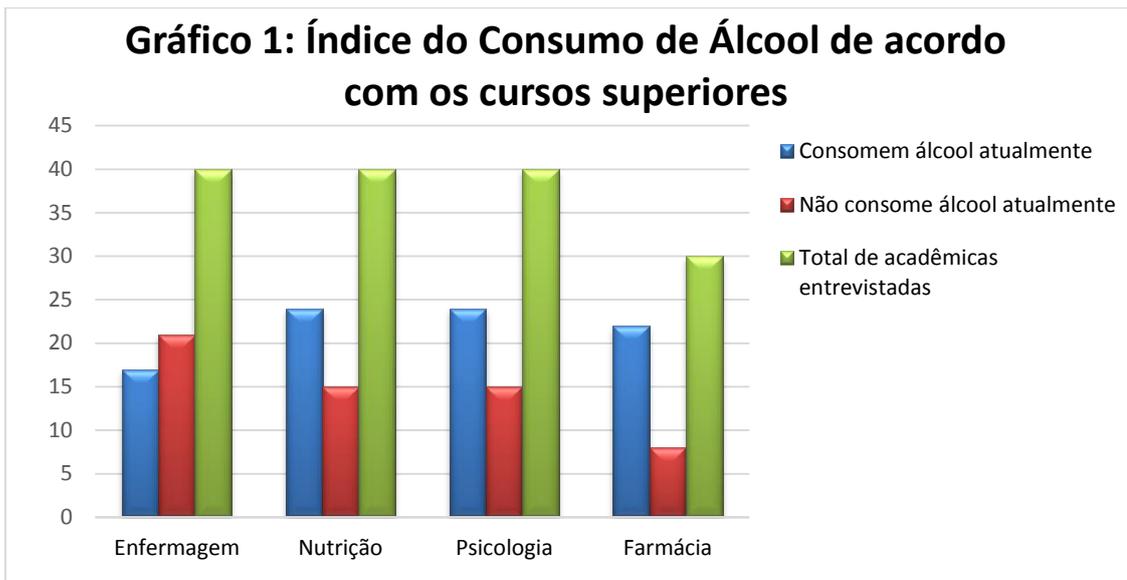
O instrumento de coleta de dados foi constituído de 12 questões fechadas com alternativas de respostas preestabelecidas para classificar o consumo de álcool. As perguntas contemplavam ainda a auto-identificação alcoólatra, a frequência do consumo de álcool e a consciência sobre as consequências do uso abusivo da substância.

Os questionários foram distribuídos para o grupo de pesquisa após o consentimento da Instituição, bem como da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O desenvolvimento deste trabalho voltou-se ao esclarecimento da prática do consumo de álcool aliado às consequências biopsicossociais no grupo feminino, e após a análise da amostra, fora registrado uma alta incidência de estudantes que consomem álcool (58%), apesar da irrelevante parcela que se identifica com um uso excessivo (1,15%). Segundo Jaceilde M. Nunes e Ludmilla R. Campolina (2012), 61,5% de universitários faz uso de bebidas alcoólicas regularmente.

Com o Gráfico 1 é possível perceber que entre os cursos selecionados para a amostra – Enfermagem, Farmácia, Nutrição e Psicologia -, o curso de Farmácia apresentou a maior quantidade de acadêmicas que consomem álcool atualmente, com um total de 22 estudantes das 30 participantes, ou seja, 73%. Logo em seguida, aparecem os cursos de Nutrição e Psicologia com um índice de 60% de acadêmicas, que equivale a 24 estudantes das 40 pesquisadas (por curso).



Segundo o relatório Mundial da Saúde (OMS, 2014), 3,2% das mulheres brasileiras apresentam algum transtorno relacionado ao uso de álcool, sendo que 1,8% apresentam diagnóstico de dependência. Assim, o alcoolismo, que possuía a figura masculina como característica predominante, apresenta um desenvolvimento progressivo entre mulheres. Dessa forma, a relevância de se priorizar o público universitário concentra-se no fato de que, em sua maioria, é composto de jovens e a bebida alcoólica está entre os adicionais de maior preferência quando o assunto é acesso à socialização. Apesar da OMS (2015) apontar que 84% das universitárias apresentam baixo risco para desenvolver dependência alcoólica, os jovens são os consumidores mais assíduos, e as mulheres, biologicamente mais frágeis. Por isso, deve-se estabelecer um olhar precavido e dirigente quanto à probabilidade dos danos ocasionados pelo consumo de álcool culminar em uma dependência.

Em relação a prática alcoólatra, constatou-se que apenas 72 das estudantes não possuem esta prática, sendo o curso de Enfermagem o menor índice (18 das 40 entrevistadas).



Esse índice pode ser explicado pelo fato de que, apesar do dedutível conhecimento sobre os efeitos do álcool e outras drogas, as estudantes desenvolvem a convicção de que serão capazes de controlar os problemas que possam surgir a partir do uso indevido. Como Benjamin Rush (1970) afirmou: “Beber inicia num ato de liberdade, caminha para o hábito e, finalmente, afunda na

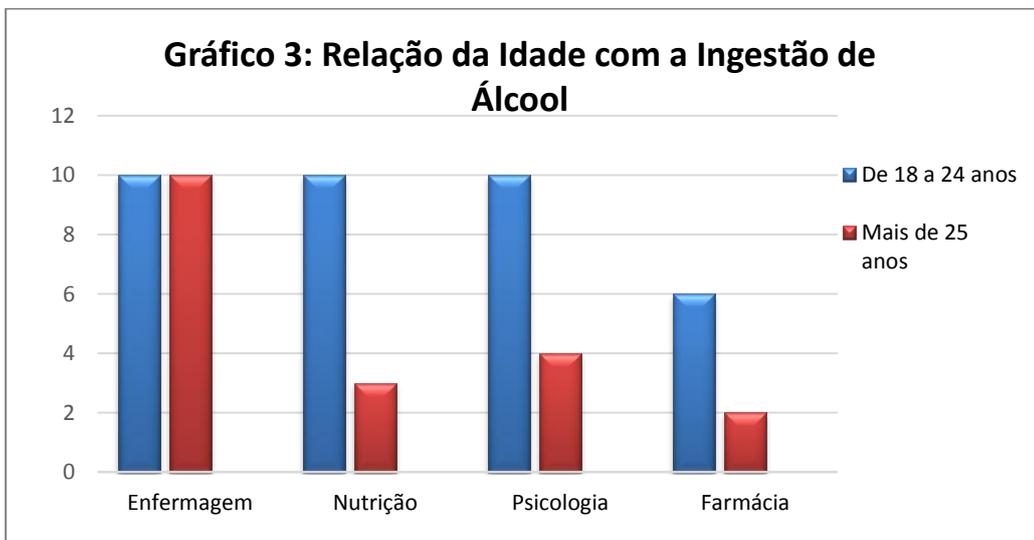


necessidade”. Além desta alternativa é possível constatar que o álcool é uma substância psicoativa amplamente aceita pela sociedade e, para alguns grupos sociais específicos, torna-se necessário.

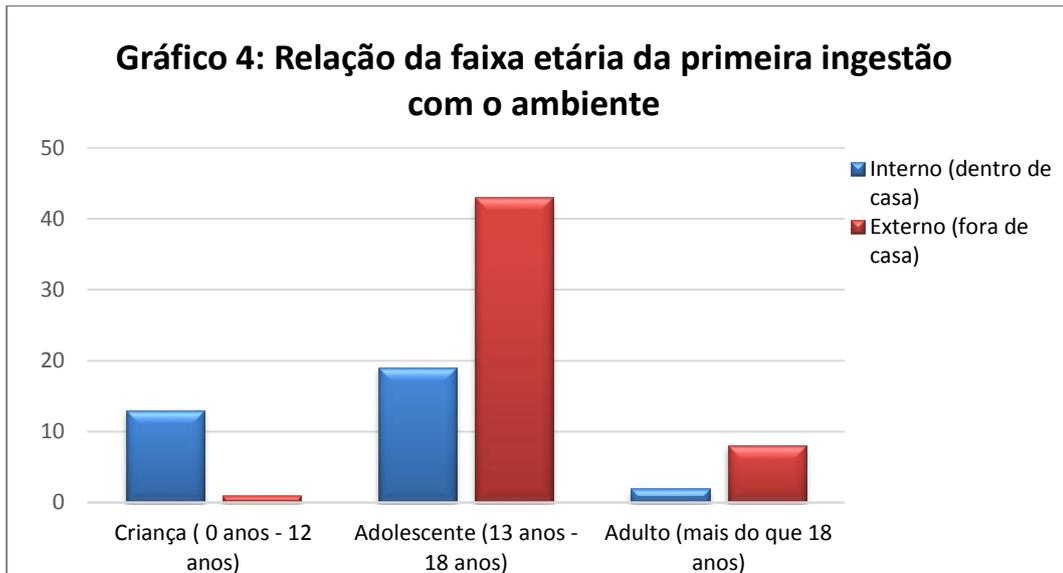
Independente da explicação adotada, tais dados revelam uma situação crítica, pois, ao se tratar de profissionais da saúde em formação, estes se sujeitam ao risco de se tornarem dependentes ou usuários cativos de álcool, gerando problemas pessoais, sociais e profissionais. Consoante a Nunes e Campolina, 2012:

Assim, um comportamento de dependência pode interferir na capacidade desse profissional em identificar precocemente possíveis casos de dependência com os quais tenha contato, uma vez que comportamentos semelhantes ao seu podem ser considerados normais.

Outro dado relevante é observado no Gráfico 3 e 4, que dizem à respeito ao primeiro contato com as substâncias alcoólicas: 70,5% das acadêmicas ingeriram álcool pela primeira vez no período da adolescência – Gráfico 3, e 69,3% destas realizaram fora de casa – Gráfico 4.



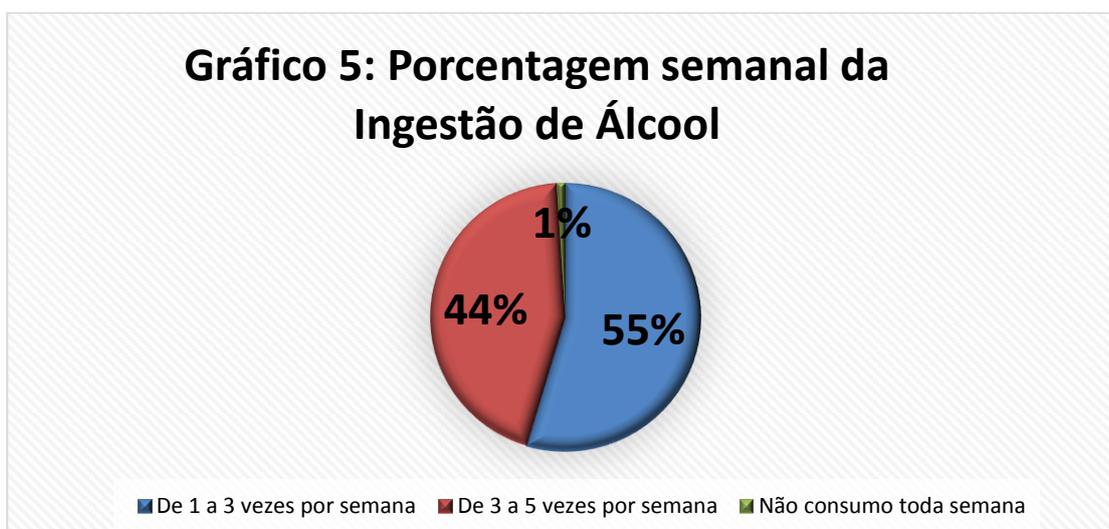
A Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou em 2014 que, no Brasil, o índice do consumo de álcool superou a média mundial e apresenta taxas superiores a de 140 países: “O consumo médio mundial para pessoas acima de 15 anos é de 6,2 litros por ano. No caso do Brasil, os dados apontam que o consumo médio é de 8,7 litros por pessoa por ano”.



A primeira ingestão alcoólica acontece geralmente na adolescência, pois é nesta fase que as pessoas começam a frequentar atividades sociais, ou seja, passam a ter contato com ambientes fora do núcleo familiar. Entretanto, por mais que o adolescente sinta-se maduro para iniciar esta atividade, as condições biológicas, que estão em pleno desenvolvimento, dirão o contrário, gerando consequências devastadoras, como aponta Lindsay Squeglia (2012):

A fase da adolescência, quando as bebidas alcoólicas são apresentadas a muitas pessoas, exige maior atenção. O consumo de álcool nessa fase da vida pode interromper o crescimento das células normais do cérebro, especialmente nas regiões frontais, essenciais para o pensamento lógico e raciocínio. Em suma, ele danifica as habilidades cognitivas. Embora os adolescentes tenham aparência de adultos, seus cérebros ainda estão amadurecendo.

Sobre a quantidade de vezes na semana que as estudantes costumam consumir o álcool, verificou-se que 54,5% das entrevistadas não consomem álcool toda semana, 44,3% ingerem álcool de uma a três vezes semanais, enquanto, apenas 1% apresentam uso acima de 3 vezes na semana.



Segundo Jellinek (1960), o consumo do álcool só pode ser patologicamente classificado como “dependência” quando o usuário apresenta tolerância, abstinência e perda do controle. Contudo, é

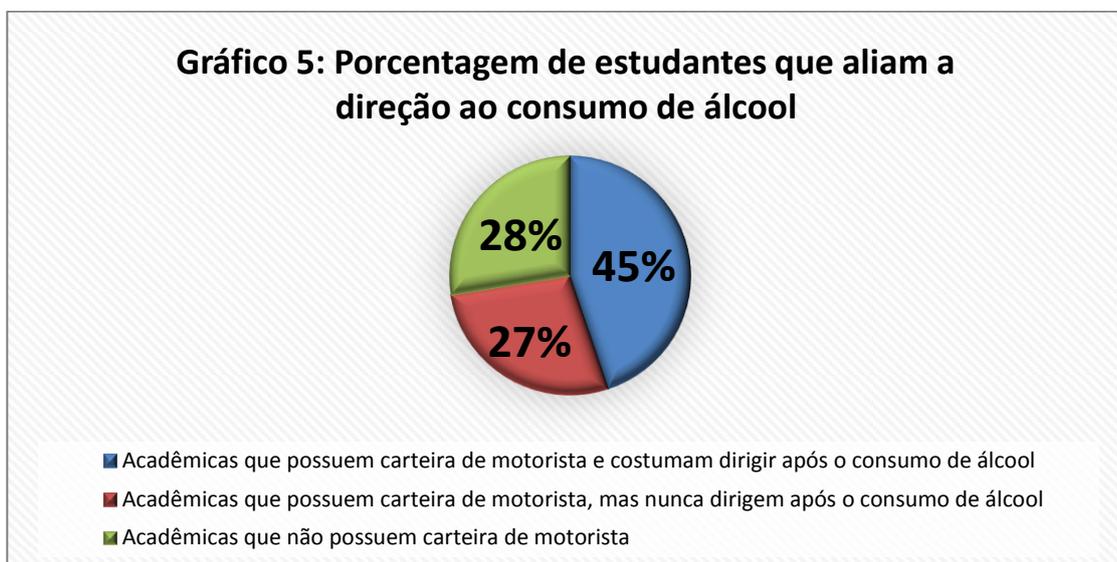


predominante a ideia entre os autores de que o cultivo do hábito alcoólatra, mesmo que casualmente, expõe o consumidor a uma predisposição em desenvolver a dependência, quando não, a emitir comportamentos desajustados ou contribuir na emergência de patologias que podiam ser prevenidas, evitadas ou, mais tardiamente, manifestadas no indivíduo. E é, justamente, nesse ponto que se insere uma das preocupações quando o assunto é alcoolismo: o reconhecimento da dependência química em contraste do uso casual. Para a Organização Mundial da Saúde (2009):

De modo geral, considera-se que as mulheres correrão menos riscos de desenvolverem problemas de saúde, se ingerirem até 14 unidades de álcool por semana ou 2 por dia, enquanto os homens poderão ingerir até 21 unidades na semana ou 3 no mesmo dia. Vale ressaltar que nenhum consumo é isento de riscos e deve-se sempre levar em conta o contexto em que o álcool é consumido.

Costuma-se chamar "unidade de álcool" o equivalente a cerca de 10 a 12g de álcool puro. Contudo, é primordial dar atenção ao fato de que os efeitos do álcool variam de intensidade não apenas de acordo com a quantidade e a frequência com que se bebe, mas também de acordo com as características fisiológicas e psicológicas do usuário.

Sobre as consequências sociais, em específico a condução (uma vez que este assunto é de grande interesse público), constatou-se que 44,3% das estudantes costumam dirigir logo após consumirem etanol, como nos mostra o Gráfico 5.

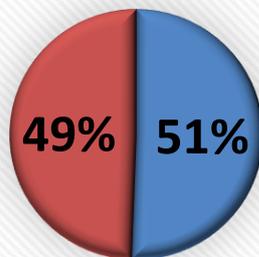


O uso abusivo do álcool está altamente associado aos acidentes de trânsito, de trabalho, violência contra a mulher, problemas familiares e, como já foram mencionados, adversidades profissionais. Isto porque, esta substância altera o estado da consciência, diminuindo a capacidade de concentração e reações reflexas a estímulos ambientais, distorcem as habilidades sensíveis ligadas à cognição como visão, audição etc. O estudo realizado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), durante os anos de 2007 a 2009, aponta que o álcool é a causa de aproximadamente 80 mil mortes por ano no continente americano e o Brasil é o quinto país com maior número de óbitos ligados ao consumo de bebidas.

Além das repercussões sociais da ingestão, o Gráfico 6 apresenta dados sobre a consciência das consequências da prática alcoólatra dentre os sexos: entre todas as acadêmicas entrevistadas, 50,6% consideram os danos biológicos equivalentes para ambos sexos.



Gráfico 6: Porcentagem de acadêmicas conscientes sobre as consequências do álcool para diferentes sexos



- Acadêmicas que consideram os danos do beber equivalente entre os sexos
- Acadêmicas que consideram os danos do beber diferente entre os sexos

Um número elevado de estudantes desconhece as consequências prejudiciais do consumo contínuo de álcool que, de acordo com o Centro de Informação sobre Saúde e Álcool - CISA (2015), se tratando do consumo de álcool na categoria feminina qualquer índice é alarmante uma vez que biologicamente falando, homens e mulheres metabolizam o álcool de forma distinta: o organismo feminino não possui a mesma eficiência para processar a substância, pois a menor quantidade de massa corpórea e também de quantidade de água, fazem com que o álcool permaneça na corrente sanguínea por muito mais tempo. Assim, para a mesma quantidade de ingestão, os efeitos deletérios surgem de maneira mais rápida e/ou de forma mais intensa.

Partindo do mesmo pressuposto, a reportagem “A boia da prevenção” de Lopes e Magalhães, divulgada em 2009, indicou as principais patologias decorrentes do uso excessivo de álcool, sobretudo para o organismo feminino. O consumo de etanol aumenta as chances do desenvolvimento de hipertensão, que consequentemente no risco para infartos e derrames em quase 40% nas mulheres. Aliado a isso, conforme, Laranjeira e Malachias (2008), o sexo feminino tem **três vezes** mais chance de ser acometido por doenças hepáticas, como a cirrose, do que o masculino.

Esses dois últimos autores corroboram a ideia de que: considerando o quadro de inflamação celular crônica, que facilita o crescimento desordenado das células, o câncer é uma doença eventualmente desenvolvida por dependentes. A bebida está associada, sobretudo, aos cânceres de fígado, estômago, intestino, esôfago, pâncreas e mama. Como as mulheres retêm quantidades elevadas de álcool no sangue, o câncer, e entre as mulheres, costumam aparecer 5 anos antes do que entre os homens.

A reportagem “A boia da prevenção” (Lopes e Magalhães, 2009), evidencia a ideia de que os transtornos psiquiátricos são somados aos fatores de risco envolvidos mediante a exposição constante e exagerada ao álcool. A substância tem o efeito deletério de causar o desequilíbrio de dopamina e de serotonina (substâncias cerebrais associadas às sensações de bem-estar e prazer). No início, a bebida provoca um aumento dos níveis dessas substâncias, proporcionando a sensação de euforia e fazendo com que o indivíduo procure ingerir mais doses. Com o tempo, porém, o organismo reduz a produção natural desses compostos, o que favorece as doenças psiquiátricas. Assim, Laranjeira e Malachias, em 2008, confirmaram essa tese com os dados de que a ocorrência de depressão é 30% a 40% maior entre as mulheres dependentes de álcool do que entre os homens na mesma situação. Como um agravante do quadro alcoólatra, a anorexia e bulimia estão presentes de 15% a 32% nos casos de mulheres que abusam na ingestão.

Consoantes a Lopes e Magalhães (2009), posto que, a água é um componente primordial para a manutenção e integridade das fibras de sustentação elástica da pele e o álcool corrobora para a desidratação do organismo, o envelhecimento precoce é uma das consequências eminentes do



consumo etílico em grandes quantidades. No sexo feminino, a probabilidade desse fenômeno ocorrer é 30% maior do que no masculino para consumidores assíduos do álcool. Por fim, esses pesquisadores argumentam que uma das regiões cerebrais mais afetadas pelo etanol é o hipocampo, área responsável pelo processamento e armazenamento da memória.

Dessa forma, desenvolver uma consciência prévia quanto o consumo de substâncias alcoólicas que predis põem os indivíduos (em geral) a adquirirem um comportamento de dependência química, significa promover medidas preventivas de saúde e fornecer uma maior garantia de pleno bem estar à sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão do hábito do consumo de substâncias alcoólicas é um fenômeno alarmante para a sociedade, uma vez que o abuso na ingestão etílica provoca danos nas diversas esferas relacionadas à vida de um indivíduo. Contudo, ao se considerar que o padrão de consumo de álcool entre as mulheres cresceu de 29% para 39%, entre os anos de 2006 e 2012 (YARAK, 2013), e que, segundo Andrade e Oliveira (2009) os prejuízos biológicos e sociais para a mesma são mais nefastos do que para o gênero oposto, é possível encontrar a relevância de se desenvolver estudos científicos que abordam a elucidação desse tema.

Faz-se necessário disseminar a ideia de que o consumo casual na sociedade tornou-se, de tão cristalizado, socialmente fútil, o que, eventualmente, faz os indivíduos desconsiderarem a relativa probabilidade de que em meio ao beber esporádico pode emergir uma dependência alcoólica. Assim, o consumo de substâncias etílicas que é atualmente visualizado e, até mesmo, incentivado, quando o assunto é socialização, deve começar a ser mais bem limitado e problematizado.

O desenvolvimento desse artigo converge na ideia de que, por meio da apropriação de conhecimento sobre o assunto, possa haver a conscientização, sobretudo, dos acadêmicos, que serão futuros profissionais inseridos em áreas de compromisso com a promoção da saúde. Os mesmo, ao evitarem o uso abusivo de álcool, estarão se prevenindo contra o desenvolvimento de possíveis patologias decorrentes da ingestão. Aliado a isso, ainda na juventude, terão a possibilidade de entrarem em uma cadeia de hábitos mais saudáveis, bem como, manterem uma conduta exemplar para a comunidade onde atuarão profissionalmente, adquirindo, por fim, credibilidade suficiente para oferecer as devidas orientações aos que os procurarem com doenças relacionadas ao consumo abusivo de álcool.

A mulher usuária de substâncias etílicas necessita de atenção especial por parte dos profissionais de saúde e familiares, sobretudo no que se refere aos aspectos emocionais e aos comprometimentos clínicos. Assim como, torna-se necessário expor as consequências do consumo excessivo do álcool para a sua saúde, apontando os fatores de risco envolvidos nessa dependência e acreditando que o acesso a esse conhecimento possa afastar as estudantes dos prejuízos ocasionados pela dependência alcoólica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE AG, ANTHONY JC, SILVEIRA CM. **Álcool e suas consequências: uma abordagem multiconceitual**. Barueri, SP: Minha Editora, 2009.

CISA - Centro de Informação sobre Saúde e Álcool. Guia: **Como falar sobre o uso de álcool com os seus filhos**. São Paulo, 2005.

FERRO, Rafael. **Álcool e direção: combinação perigosa para o trânsito**. Portal Boa Vontade, 2014.

GITLOW, Stuart. **Transtornos relacionados ao uso de substâncias**. Ed. 2 – Porto Alegre: Artmed, 2008; p. 366.



NUNES, Jaceilde; CAMPOLINA, Ludmilla. **Consumo de bebidas alcoólicas e prática do *bingedrinking* entre acadêmicos da área da saúde.** Montes Claros, MG; 2012.

KAPCTINSKI, Flávio; QUEVADO, João, IZQUIERDO, Iván. **Bases Biológicas dos transtornos psiquiátricos.** Editora: Artmed - 2.ed. Porto Alegre, 2004.

LARANJEIRA, Ronaldo; PINSKY, Ilana. **Alcoolismo.** São Paulo; editora: Contexto, 1997, p. 3-11.

LOPES, Adriana D.; MAGALHÃES, Naiara. **A Boia da Prevenção.** Veja, nº 36. São Paulo, set. 2009, p. 86-93.

NEVES, Delma Pessanha. **O Consumo de Bebidas Alcoólicas: Prescrições Sociais.** BIB. São Paulo: n. 55, p. 73-98, 1º sem. 2003.

OLIVEIRA GC, DELL'AGNOLO CM, BALLANI TSL, CARVALHO MDB, PELLOSO SM. **Consumo abusivo de álcool em mulheres.** Rev Gaúcha Enferm. Porto Alegre (RS): jun, 2012. 33(2):60-68.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Relatório Global sobre Álcool e Saúde – 2014.** Genebra: 2014.

SEQUETO, Gleiverson Saar; SANTOS, Natália Aparecida. **Associação entre consumo de álcool, quedas e internação em idosos: um estudo do banco fibra – juiz de fora.** Juiz de Fora, 2014.

SILVEIRA, Dartiu Xavier; MOREIRA, Fernanda Gonçalves. **Panorama Atual de Drogas e Dependências.** Editora: Atheneu. São Paulo: 2006; p. 520.

SQUEGLIA, Lindsay; WETHERILL, Reagan. **Brain response to working memory over three years of adolescence: influence of initiating heavy drinking.** Journal of Studies on Alcohol and Drug. Califórnia, 2012.

ROMANINI, Carolina. **Um brinde à vida longa.** Veja, edição 2187. São Paulo: out, 2010.

YARAK, Aretha. **Consumo frequente de álcool cresceu 20% nos últimos seis anos.** Veja; SP, 2013.